

### Larissa Rosa de Oliveira<sup>1</sup>

Larissa Rosa de Oliveira.  
Bacharel em enfermagem  
pela Universidade São Judas.  
Email:  
orosalarissa@gmail.com

### Vitor Alves Sarralheiro<sup>2</sup>

Vitor Alves Sarralheiro.  
Bacharel em psicologia.  
Mestrando em Ciências do  
Envelhecimento pela  
Universidade São Judas.  
Email:  
vitor.sarralheiro@gmail.com

### Priscila Larcher Longo<sup>3</sup>

Priscila Larcher Longo.  
Pós-doutora na Universidade  
de São Paulo, Docente do  
Programa de Pós-graduação  
em Ciências do  
Envelhecimento da USJT.  
Email:  
prof.priscilalongo@usjt.br

## SAÚDE SEXUAL E SENESCÊNCIA: CONHECIMENTO SOBRE HIV/AIDS

### *SEXUAL HEALTH AND SENESCENCE: KNOWLEDGE ABOUT HIV/AIDS*

#### RESUMO

O envelhecimento está associado a mudanças sociais e físicas que fazem com que a população idosa fique mais vulnerável ao desenvolvimento de doenças crônicas e à infecção pelo vírus do HIV. A falta de conhecimento, investimento em políticas públicas mais assertivas e a invisibilidade da vida sexual ativa dessa população faz com que se tenha um crescente número de novos casos de infecções pelo vírus do HIV em pessoas idosas. O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento sobre HIV/AIDS de idosos residentes da cidade de São Paulo. O estudo é de cunho quantitativo, descritivo exploratório de delineamento transversal. Os participantes foram contactados através de uma carta convite e um formulário de forma online e não probabilística. Os instrumentos utilizados foram um questionário para caracterização da amostra e um questionário com questões estruturadas baseadas em Lazzarotto de conhecimentos sobre HIV/AIDS. Participaram deste estudo 64 idosos de ambos os sexos e os resultados revelam que existe uma defasagem em relação a conhecimentos claros sobre a forma de contaminação e tratamento do HIV/AIDS. Sugere-se que novos estudos sejam realizados, assim como, maior investimento de educação para essa população.

**PALAVRAS-CHAVES:** HIV; Idoso; vírus da AIDS.

#### ABSTRACT

Ageing is associated with social and physical changes that make the elderly population more vulnerable to developing chronic diseases and HIV infection. The lack of knowledge, investment in more assertive public policies and the invisibility of this population's active sex life mean that there are a growing number of new cases of HIV infection among the elderly. The aim of this study was to assess the HIV/AIDS knowledge of elderly residents of the city of São Paulo. This is a quantitative, descriptive and exploratory cross-sectional study. Participants were contacted via an invitation letter and a non-probabilistic online form. The instruments used were a questionnaire to characterize the sample and a questionnaire with structured questions based on Lazzarotto's knowledge of HIV/AIDS. Sixty-four elderly people of both sexes took part in this study and the results show that there is a gap in terms of clear knowledge about how HIV/AIDS is infected and treated. It is suggested that further studies be carried out, as well as greater investment in education for this population.

Keywords: HIV; Elderly; AIDS virus.

#### INTRODUÇÃO

Os seres humanos passam por três fases distintas durante sua vida: a fase de crescimento e desenvolvimento, a fase reprodutiva e a senescência, ou

envelhecimento. O envelhecimento está associado à passagem do tempo e a variedade de fatores que não são devidamente reparados causando degeneração e perda de funções físicas, orgânicas e sociais (Kyriazis M., 2020).

Para muitos, a chegada da senescência está associada às preocupações e diversos riscos à saúde (Veras; Oliveira, 2018) que são reflexo do estilo de vida, condições ambientais, hábitos, renda, condições sociais e culturais, de acesso à saúde, educação formal, apoio social formal e informal entre tantos fatores ao longo da vida. Nesse contexto, no decorrer dos anos o sistema imunológico sofre diversas alterações, incluindo a involução do timo, que diminui a capacidade do organismo em produzir uma resposta imune eficaz. Além disso, apesar da resposta imune inata ser menos sensível que a resposta imune adquirida aos efeitos do envelhecimento, ela também se torna menos efetiva devido à menor atividade de células fagocíticas e células apresentadoras de antígenos (Ewers et al., 2008; Pawelec, 2018; Barbé-Tuana et al., 2020).

De forma geral, o processo de imunossenescência, acarreta o enfraquecimento do sistema imune, que é responsável pela proteção do indivíduo contra alterações de origem externa, como os microrganismos que podem provocar infecções, além disso, se tem a diminuição do combate de mudanças internas no organismo, como o surgimento e replicação de células neoplasias, fazendo com que, o idoso fique mais vulnerável à doenças infecciosas, crônicas, neoplásicas, processos inflamatórios exacerbados e alterações de autoimunidade (Mota et al., 2010).

Nesse sentido, é possível destacar as mudanças socioculturais que ocorrem nos últimos anos tendo como um dos principais aspectos a sexualidade. O uso de medicamentos que têm como princípio ativo o citrato de sildenafil (Viagra), o desenvolvimento de próteses penianas e a utilização de reposição hormonal, fizeram com que pessoas em idades mais avançadas possam ter uma vida sexualmente ativa. Porém, ainda existe uma precarização com relação às políticas de prevenção a infecções sexualmente transmissíveis (IST's) (de Lima, 2020). Com o aumento da atividade sexual dessa população, mais pessoas ficam vulneráveis ao vírus da imunodeficiência humana (HIV), podendo ter como consequência o desenvolvimento da síndrome de imunodeficiência adquirida (AIDS) (Ferreira, 2015).

É importante pontuar que a sexualidade extrapola o ato sexual e está associada a prazeres diversos e quando não é considerada, atua diminuindo a qualidade de vida das pessoas (Kenny, 2013; Soares; Meneghel, 2021; Uchôa et al., 2016). O último levantamento epidemiológico realizado no ano de 2022 pelo SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) divulgou que só no ano de 2022 foram registrados um total de 2.649 novos casos de AIDS na cidade de São Paulo, sendo que 530 representam a população masculina com 60 anos ou mais e 366 a população feminina. Destaca-se também os índices de mortalidade pelo desenvolvimento da doença, evidenciando um total de 1.183 e 616 óbitos em homens e mulheres com 60 anos ou mais, respectivamente (Ministério da Saúde, 2022).

A AIDS é uma doença desenvolvida por meio da infecção pelo vírus do HIV, que atinge principalmente as células do sistema imune, chamadas linfócitos T CD4+ onde ocorre a multiplicação do vírus e conseqüentemente alterações no sistema imunológico. A transmissão do vírus pode ocorrer de diversas maneiras, sendo elas, pela prática de sexo sem preservativo (podendo ser sexo anal, oral ou vaginal), práticas de compartilhamento de seringas não esterilizadas, transfusão de sangue, de forma vertical da mãe para o filho durante a gravidez, no parto e na amamentação, além do contato com instrumentos perfuro cortantes não esterilizados (Ministério da Saúde, 2020).

Até meados dos anos de 1980, os métodos para seleção de doadores e controle de sangue não havia um protocolo oficial de análise rigorosa das amostras, a transfusão sanguínea representava um dos principais fatores de risco para a transmissão do vírus entre os idosos, podendo ser considerada como responsável pela maioria das infecções ocorridas em pessoas com 60 anos ou mais. Atualmente, observa-se um aumento nos casos de AIDS no país nos pacientes nesta faixa etária por conta do aumento da vida sexual ativa dessa população, já que processo de envelhecer não paralisa o exercício da sexualidade (Aguiar; Leal; Marques, 2020a).

A exposição ao vírus está associada a diversos fatores, acredita-se que a principal estaria baseada na cultura do uso de preservativos, pois casais mais antigos tendem a não utilizar por falta de informação ou por acreditarem que o uso está relacionado apenas a evitar uma gestação. É importante também considerar os tabus e mitos sociais de se viver com o vírus e até atendimentos realizados por profissionais da saúde que carregam uma série de estereótipos, ainda atrapalham e adiam a realização de testes anti-HIV na população idosa (Santos; Assis, 2011; Okumo et al., 2014).

O fato da invisibilidade da sexualidade do idoso contribui para que esses não sejam identificados como uma população de risco para contaminação, fazendo com que se tenha um aumento de novos casos nesta faixa etária, pois as principais ações de promoção e prevenção governamentais de saúde, nesse contexto, são voltadas em sua maioria, para gerações mais jovens. Essa deficiência em relação às informações, somada à falta de iniciativas para visibilidade dessa população, faz com que se tenha uma crescente nas camadas mais velhas da sociedade (Aguiar et al., 2020b).

Nesse contexto é importante identificar o conhecimento da população idosa sobre HIV/AIDS para que campanhas efetivas possam ser elaboradas e que profissionais da área da saúde estejam devidamente preparados para lidar com as necessidades dessa população para que possa conseguir esclarecer dúvidas, atender e promover a saúde de forma simples, específica e humanizada (Serra et al., 2013).

O objetivo do estudo é avaliar os conhecimentos sobre HIV/AIDS em relação à forma de transmissão e tratamento em pessoas de ambos os sexos com mais de 60 anos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Esse estudo é caracterizado por ser de cunho quantitativo, descritivo exploratório de delineamento transversal. Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, foi construída a partir da aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade São Judas Tadeu, sob número do parecer: 4.512.576 de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016.

Participaram desta pesquisa 64 pessoas idosas, de ambos os sexos, residentes do estado de São Paulo. Os participantes foram selecionados de forma não probabilística através de uma carta convite distribuída por meio do aplicativo WhatsApp. Os prováveis participantes que tiveram interesse receberam um link com informações sobre o projeto e com uma pergunta sobre aceitação ou não em participar do estudo. Ao clicar em "aceito participar", o possível participante poderia acessar, ler e baixar para imprimir o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pesquisadores.

Foram incluídos no estudo participantes que indicaram possuir mais de 60 anos, que aceitaram participar do estudo e que possuíam conhecimentos básicos de internet para serem capazes de responder ao questionário *on line* e que se sentiram confortáveis em responder às questões. Foram excluídos do estudo os que não responderam mais de 30% das questões.

Após aceitar participar do estudo, os participantes puderam acessar de forma *on line* um questionário com questões sociodemográficas (idade, sexo, residência, nível de escolaridade e renda) e questões estruturadas baseadas em Lazzarotto et al. (2008) sobre HIV/AIDS, organizadas nos domínios "conceito", "transmissão", "prevenção", "vulnerabilidade" e "tratamento".

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 64 pessoas de ambos os sexos biológicos, residentes da cidade de São Paulo. Conforme a Tabela 1, observa-se que 23,4% dos participantes se identificam como pessoas do sexo masculino e 54,7% feminino. Esses dados estão em acordo com os apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostrou que em 2022, 15,8% das pessoas com idade igual ou superior a 50 no país, identificavam-se como mulheres indicando assim, o fenômeno da feminização da velhice em regiões urbanas no Brasil e no mundo (Ceppelos, 2021).

Observou-se que 43,7% encontram-se casados, enquanto 26,6% e 12,5% estão solteiros e divorciados, respectivamente. Estar em um relacionamento de forma estável, faz com que se tenha a presença de menores índices de vulnerabilidade e maiores de adesão ao tratamento medicamentoso, fazendo com que a presença de parceiros auxilie no processo de enfrentamento às doenças (Cunha; Cruz; Pedroso, 2022).

Em relação à renda mensal, 54,9% afirmam ganhar de 1 a 3 salários-mínimos e 23,4% de 3 a 5 salários-mínimos, enquanto 7,8% ganham menos de 1 salário-mínimo mensal. O baixo nível socioeconômico, faz com que as camadas carentes da sociedade vivam uma precarização com relação à falta de informações e políticas públicas para essa população, ocasionando o aumento de comportamentos de risco e maior vulnerabilidade a IST's (Pereira et al., 2022).

No que se refere ao histórico de doenças crônicas, nota-se que 56,2% preferem não informar, sendo o maior percentual, seguido de hipertensão com 14% e diabetes com 4,7%. Esses dados estão de acordo com o estudo de Melo e Lima (2020), que mostraram que entre as comorbidades mais prevalentes em pessoas idosas brasileiras encontram-se a hipertensão, colesterol elevado e diabetes.

Já em relação ao início da vida sexual, temos que 39,1% iniciaram durante o casamento ou vida adulta, 37,5% no primeiro relacionamento, durante a adolescência e 18,7% não foi dentro de um relacionamento. É importante pontuar que idosos apresentam-se mais vulneráveis às ISTs devido a diversos fatores. Dentre eles está o aumento da prática sexual sem preservativo, a confiança da mulher sobre seu parceiro não exigindo o uso de preservativo, e a falta de informação e profissionais de saúde capacitados para compreender a vulnerabilidade da pessoa idosa (Aguiar et al., 2020b).

**Tabela 1:** Caracterização Sociodemográfica da Amostra (n = 64)

Variável	Total (n=64)	%
<b>Sexo</b>	<i>f</i>	%
Masculino	15	23,4%
Feminino	35	54,7%
Prefiro não informar	11	17,2%
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro(a)	17	26,6%

Casado(a)	28	43,7%
Viúvo(a)	8	12,5%
Divorciado(a)	11	17,2%
Prefiro não informar	0	0
<b>Renda Mensal</b>		
Menos de 1 Salário-Mínimo	5	7,8%
De 1 a 3 salários-mínimos	35	54,9%
De 3 a 5 salários-mínimos	15	23,4%
5+ salários-mínimos	7	11%
Prefiro não informar	2	3,1%
<b>Residência</b>		
Alugada	9	14%
Financiada	1	1,6%
Própria	54	84,3%
Prefiro não informar	0	0
<b>Tem Filhos</b>		
Sim	46	71,9%
Não	17	26,6%
Prefiro não informar	1	1,6%
<b>Histórico de Doença Crônica</b>		
Diabetes	3	4,7%
Diabetes e Hipertensão	1	1,6%
Diabetes, Hipertensão, Osteoporose	1	1,6%
Diabetes, Hipertensão, Doença Cardiovascular e Outro	1	1,6%
Diabetes e Outros	1	1,6%
Hipertensão	9	14%
Hipertensão e Doença cardiovascular	1	1,6%
Hipertensão, Osteoporose e Doença cardiovascular	1	1,6%
Hipertensão, Osteoporose e Outros	1	1,6%
Osteoporose	1	1,6%
Outros	8	12,5%

Prefiro não informar	36	56,2%
<b>Início da Vida Sexual</b>		
No primeiro relacionamento, durante adolescência	24	37,5%
Não foi dentro de um relacionamento	12	18,7%
Durante casamento e vida adulta	25	39,1%
Prefiro não informar	3	4,7%

A Tabela 2 apresenta os conhecimentos em relação ao HIV/AIDS autorrelatados pelos participantes do estudo. Com relação a pergunta “Você sabe como ocorre a transmissão do HIV?”, 92,2% responderam que sim. Referente ao conhecimento sobre o tipo de transmissão maior parte dos respondentes (93,7%) reconheceu o uso de seringa por mais de uma pessoa, seguido pelo sexo oral sem camisinha (84,3%) e doação de sangue (68,7%).

As respostas dos participantes indicam um conhecimento satisfatório em relação à questão, pois sabe-se que existem diversas ideias errôneas sobre esse assunto, que geram lacunas na produção de conhecimento em relação a forma de transmissão. Ter uma compreensão prévia sobre como e de que forma ocorre a transmissão do vírus, pode contribuir para que o indivíduo possa se prevenir de forma adequada (Araújo et al., 2020).

Sobre o conhecimento dos sintomas referentes ao HIV, 54,7% responderam que não conheciam. Em associação ao tema, quando foi perguntado “Quais itens NÃO são sintomas da HIV/AIDS” os participantes indicaram dor de cabeça, perda de paladar e olfato (45,3%), desidratação, dor de cabeça e perda de memória (40,6%) e coceira, febre alta e dor nas costas (39%) como não sendo sintomas associados à infecção pelo vírus do HIV.

É importante ressaltar que o principal veículo de informação, para essa população, sobre questões relacionadas a sexualidade, sexo e IST's, são os meios de comunicação, sendo representados principalmente por campanhas governamentais e o diálogo entre profissionais da saúde e seus pacientes, a falta de esclarecimentos sobre essas questões faz com que, os indivíduos tenham que se apegar a informações difundidas pelo senso comum, distanciando-se da realidade científica (Carvalho; dos Santos, 2020).

Ao serem questionados sobre os riscos de se contaminar com o vírus do HIV enquanto se faz o uso de preservativos, 76,6% responderam que a pessoa não corre riscos e, nesse sentido, 50% dos respondentes afirmaram utilizar preservativos durante a relação sexual, sendo que 26,7% afirmaram sempre utilizar.

Estudos realizados em outros países, como Estados Unidos e Uganda demonstraram uma baixa adesão em relação a utilização de preservativos em pessoas idosas, assim como, a falsa compreensão de que estão imunes ao vírus. No Brasil, percebe-se esse mesmo padrão de comportamento, demonstrando que apesar dos diferentes contextos sociais e culturais, essa população encontra-se vulnerável, de tal modo que esses fatos podem estar ligados a falta de informações mais específicas sobre saúde sexual em populações idosas (Sousa et al., 2019).

É possível observar que, 67,2% dos participantes responderam adequadamente em relação às questões sobre a Profilaxia Pré-exposição (PREP) e Pós-exposição (PEP), mas não é possível afirmar se as alternativas induziram as respostas corretas ou se os participantes tinham conhecimento prévio sobre o tema, pois analisando uma pergunta anterior 75% dos participantes afirmaram não conhecer medicamentos para a prevenção da infecção.

Quando se discute sexo e sexualidade da população idosa é importante considerar que existem algumas situações que impossibilitam ou dificultam a realização de uma vida sexual ativa, como por exemplo, doenças físicas, doenças mentais e crenças limitantes. Homens tendem a demonstrar maiores preocupações em relação à impotência sexual e medo da não realização de um ato sexual que consideram satisfatório. Em mulheres, por exemplo, após a menopausa, ocorre um ressecamento do canal vaginal e diminuição da lubrificação natural, que causa desconforto no início da penetração, ocasionando em um tempo maior para chegar ao orgasmo (Santos; Assis, 2011).

Porém, é necessário promover a desconstrução da mistificação da assexualidade dessa população e ultrapassar a superficialidade dos conhecimentos gerados pela carência de programas de promoção e prevenção voltados à população idosa (Santos, 2022). Os atuais programas voltados para informações de infecções sexualmente transmissíveis e uso de preservativos são voltados para públicos mais jovens, fazendo com que se tenha uma ideia de que a pessoa idosa não se enquadra como público chave, ou até mesmo possui limitações em relação a sua saúde que o impeçam de ter uma vida sexual ativa (Carvalho; dos Santos, 2020).

No presente estudo, 71,9% dos participantes afirmaram sentir falta de informações sobre temáticas direcionadas à terceira idade e apenas 20,3% afirmaram que não participariam de rodas de conversa sobre o tema com profissionais da saúde, indicando assim uma carência de tais discussões. A falta de conhecimento, somado à insuficiência de políticas públicas voltadas à pessoa idosa, acarretam exposição a comportamentos de risco e comprometimento em relação a planos de prevenção e cuidado à saúde, dificultando a realização de testes para diagnósticos precisos e a perda da invisibilidade sobre a sexualidade dessa população (Araújo et al., 2020).

**Tabela 2:** Conhecimento sobre HIV/AIDS dos participantes do presente estudo (n=64).

Conhecimento sobre HIV/AIDS (n = 64)		
Variáveis	f	%
<b>Você sabe como ocorre a transmissão do HIV?</b>		
Sim	59	92,2%
Não	5	7,8%
<b>A transmissão do HIV pode ocorrer por diversas maneiras, assinale as alternativas corretas:</b>		
Beijo no rosto ou na boca	12	18,7%
Doação de sangue	44	68,7%
Uso de seringa por mais de uma pessoa	60	93,7%
Picada de inseto	1	1,6%

Sexo oral sem camisinha	54	84,3%
Masturbação a dois	10	15,6%
<b>Você conhece os sintomas da infecção pelo HIV?</b>		
Sim	29	43,3%
Não	35	54,7%
<b>Quais itens NÃO são sintomas da HIV/AIDS:</b>		
Febre alta, suor noturno, inchaço dos gânglios linfáticos	7	10,9%
Dor de cabeça, perda de paladar e olfato	29	45,3%
Diarreia, suor, bolinhas ou feridas na pele	13	20,3%
Inchaço nos gânglios linfáticos, diarreia, náusea	9	14%
Coceira, febre alta e dor nas costas	25	39%
Desidratação, dor de cabeça e perda de memória	26	40,6%
<b>Sobre o uso de preservativos</b>		
Sempre uso	17	26,7%
Frequentemente uso	6	9,4%
Raramente uso	5	7,8%
Não uso	32	50%
Prefiro não informar	4	6,2%
<b>Você conhece algum medicamento que previna HIV?</b>		
Sim	16	25%
Não	48	75%
<b>A pessoa corre risco de contagiar-se com o HIV usando camisinha?</b>		
Sim	15	23,4%
Não	49	76,6%
<b>É sabido que o HIV pode causar algumas complicações na saúde. Entre essas complicações podem ser citadas:</b>		
Câncer de colo de útero	19	30,2%
Perda de cabelo	21	33,3%



Maior suscetibilidade a doenças infecciosas	52	82,5%
Herpes genital	39	61,9%
Tuberculose	24	38,1%
Anemia	31	50,8%
<b>Doenças infecciosas podem surgir na fase avançada da AIDS. Qual doença NÃO está relacionada a AIDS?</b>		
Toxoplasmose	28	43,7%
Tuberculose	15	23,4%
Infecção Urinária	12	18,7%
Hepatite	5	7,8%
Não sei	4	6,2%
<b>A PreP (Profilaxia Pré-Exposição) é uma forma de prevenção ao vírus antes da exposição, que é indicado para grupos prioritários. Qual público NÃO é prioritário?</b>		
Qualquer pessoa que deseje o medicamento.	43	67,2%
Parcerias sorodiferentes (quando uma pessoa está infectada pelo HIV e a outra não)	10	15,6%
Homens que fazem sexo com outros homens (HSH), pessoas trans, trabalhadores/as do sexo	5	7,5%
Não sei	6	9,3%
<b>A PEP (Profilaxia Pós-Exposição) é um tratamento que deve começar após exposição de risco ao vírus. Quando deve ser iniciado o uso do medicamento?</b>		
Em até 72 horas	43	67,2%
30 dias após exposição	2	3,1%
Em até uma semana	11	17,2%
Não sei	8	12,5%
<b>Você sente falta de informação e propagandas sobre HIV /AIDS voltadas para idosos?</b>		
Sim	46	71,9%
Não	2	3,1%
Indiferente	12	18,7%

Você participaria de uma roda de conversa sobre HIV/AIDS com profissionais da saúde e outros idosos?		
Sim	34	53,1%
Não	13	20,3%
Talvez	17	26,6%

f = frequência; % = percentual

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstra que pessoas idosas que residem na região metropolitana de São Paulo, possuem pouco conhecimento em relação às temáticas envolvendo HIV/AIDS. Apesar de possuírem acesso à internet, seus conhecimentos sobre o tema ainda são errôneos ou baseados em sem comum, fazendo com que reforcem preconceitos enraizados na sociedade, ocasionando a falta de iniciativa dessa população em adquirir informações corretas e baseadas no conhecimento científico.

É de extrema importância que os profissionais de saúde tenham competências e habilidades adequadas para que possam auxiliar o protagonismo da pessoa idosa, desenvolvendo habilidades críticas e reflexivas para que assim se tenha a desmistificação sobre saúde sexual e HIV/AIDS. A desconstrução de paradigmas sobre sexo, sexualidade e envelhecimento saudável, precisa ser alcançada para que seja possível sensibilizar toda a população e atingir de maneira assertiva, através de campanhas governamentais e políticas públicas, a promoção de informações sobre HIV/AIDS.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, R. B.; LEAL, M. C. C.; MARQUES, A. P. DE O. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas com HIV. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 6, p. 2051–2062, jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.18432018>
- AGUIAR, R. B. et al. Idosos vivendo com HIV – comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 2, p. 575–584, fev. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.12052018>
- ARAÚJO, W. J. S. et al. EDUCATIONAL INTERVENTION ON HIV/AIDS WITH ELDERLY INDIVIDUALS: A QUASI-EXPERIMENTAL STUDY. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 29, p. e20180471, 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0471>
- BARBÉ-TUANA, F., FUNCHAL, G., SCHMITZ, C. R. R., MAURMANN, R. M., & BAUER, M. E. The interplay between immunosenescence and age-related diseases. *Seminars in Immunopathology*, 42(5), 545–557.2020. <https://doi.org/10.1007/s00281-020-00806-z>
- BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde Secretaria de Vigilância em Saúde | Ministério da Saúde Boletim Epidemiológico. 2022.
- CARVALHO, M. R.; SANTOS, A. C. M. dos. Revisão integrativa sobre o conhecimento de idosos em relação a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA). *Diversitas Journal*, [S. I.], v. 5, n. 4, p. 2985–2994, 2020. <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i4-886>

CEPELLOS, V. M. FEMINIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO: UM FENÔMENO MULTIFACETADO MUITO ALÉM DOS NÚMEROS. *Revista de Administração de Empresas*, v. 61, n. 2, p. e20190861, 2021. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020210208>

CUNHA, A. P. DA.; CRUZ, M. M. DA.; PEDROSO, M. Análise da tendência da mortalidade por HIV/AIDS segundo características sociodemográficas no Brasil, 2000 a 2018. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 3, p. 895–908, mar. 2022. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.00432021>

DE LIMA, Ana Paula Rodrigues. Sexualidade na Terceira Idade e HIV. *Revista Longevidade*, São Paulo, Ano II, n. 5, Jan/Fev/Mar. 2020

EWERS, I.; RIZZO, L. V.; FILHO, J. K. Imunologia e Envelhecimento. *Einstein*, v. 6, n. 1, p. 13- 20, 2008

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena. Representações sociais sobre envelhecimento ativo de pessoas idosas com e sem o diagnóstico de HIV/AIDS. 2015. 114 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

Kenny, R. A review of the literature on sexual development of older adults in relation to the asexual stereotype of older adults. *Canadian Journal of Family and Youth / Le Journal Canadien de Famille et de la Jeunesse*, 5(1), 91–106. 2013 <https://doi.org/10.29173/cjfy18949>

Kyriazis, M. Ageing throughout history: The evolution of human lifespan. *Journal of Molecular Evolution*, 88(1), 57–65. 2019. <https://doi.org/10.1007/s00239-019-09896-2>

LAZZAROTTO, A. R. et al. O conhecimento de HIV/aids na terceira idade: estudo epidemiológico no Vale do Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, n. 6, p. 1833–1840, nov. 2008. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232008000600018>

MELO, L. A. DE.; LIMA, K. C. DE. Fatores associados às multimorbidades mais frequentes em idosos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 10, p. 3879–3888, out. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.35632018>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. São Paulo; 2020

MOTA; PORTO, S. M. Q.; FREITAS, D. B.; NOGUEIRA, M. V. C.; QUEIROZ, J. A. Imunossenescência: alterações no idoso. *Rev. Brasileira de Medicina*, Brasil, v. 67, n. 6, p. 183-188, Jun, 2010.

OKUNO, M. F. P. et al. Qualidade de vida de pacientes idosos vivendo com HIV/AIDS. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 30, n. 7, p. 1551–1559, jul. 2014. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00095613>

Pawelec, G. Age and immunity: What is “immunosenescence”? *Experimental Gerontology*, 105, 4–9. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.exger.2017.10.024>

Pereira, Allana Lopes et al. Impacto da escolaridade na transmissão do HIV e da Sífilis. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, v. 6, n. 1, p. 19-23, 2022.

SANTOS, A. F. DE M.; ASSIS, M. DE. Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 14, n. 1, p. 147–157, jan. 2011. <https://doi.org/10.1590/s1809-98232011000100015>

SANTOS, I. DE F. Atitudes e Conhecimentos de Idosos sobre Intercurso Sexual no Envelhecimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p. e235106, 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235106>

SERRA, A. et al. Percepção de vida dos idosos portadores do HIV/AIDS atendidos em centro de referência estadual. *Saúde em Debate*, v. 37, n. 97, p. 294–304, abr. 2013. <https://doi.org/10.1590/s0103-11042013000200011>

SOARES, K. G.; MENEGHEL, S. N. O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, p. 129–136, jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30772020>

SOUSA, L. R. M. et al. Social representations of HIV/AIDS by older people and the interface with prevention. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, n. 5, p. 1129–1136, set. 2019.

UCHÔA, Y. DA S. et al. Sexuality through the eyes of the elderly. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 19, n. 6, p. 939–949, nov. 2016. <https://doi.org/10.1590/1981-22562016019.150189>

VERAS, R. P.; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 6, p. 1929–1936, jun. 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018>.

**Recebido em:** 20-04-2023

**Aceito em:** 19-10-2023